

ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DO JORNALISMO ATUAL: OS LUGARES DO IMPRESSO E DA WEB COMO VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO

Michelle Gomes Alonso Dominguez (UERJ)
michelle.alonso@gmail.com

1. Introdução

O advento e a popularização da internet geraram um novo ambiente de produção/recepção da informação, impactando, conseqüentemente, o discurso jornalístico. Para entender a natureza e extensão dessas alterações, iniciamos uma pesquisa sobre as especificidades linguístico-discursivas de webjornais da chamada “grande mídia” – comparando-as com as das publicações impressas da mesma empresa – para, através desse embate, propor a discussão sobre a manutenção (ou não) dos parâmetros e relações contratuais do discurso de informação midiática nessas “novas” produções jornalísticas. Fruto disso, a tese de doutorado intitulada *Estratégias Discursivas no Webjornalismo: indícios de um “novo” contrato?* (DOMINGUEZ, 2011) concluiu que, apesar de não haver novos elementos contratuais, alguns ajustes conceituais eram indispensáveis para justificar e compreender os diferenciados usos linguístico-textuais empregados em cada dispositivo midiático, bem como suas funções discursivas.

As especificidades linguísticas identificadas foram delimitadas pelas potencialidades materiais características de cada suporte, tendo, tais usos, conseqüências discursivas que posicionam webjornalismo e jornalismo impresso em “lugares” enunciativos distintos. Quer isto dizer que as novidades interativas geradas pela a popularização da internet como meio institucional de informação não se restringem apenas à criação de um novo modelo jornalístico (o webjornalismo), mas também, proporcionaram um deslocamento no papel social do impresso, possibilitando assim a convivência dessas mídias.

Em se tratando de um trabalho de acompanhamento de dados, o presente artigo se propõe a especificar os diferenciados usos linguísticos procedidos pelo webjornal e pelo impresso e, a partir deles, posicioná-los enunciativamente. Para tanto, serão utilizadas notícias sobre o incêndio no Hospital Universitário Pedro Ernesto, ocorrido em 04/08/2012, publi-

cadadas pela empresa Globo, em seus veículos impresso (*O Globo*) e web (OGlobo.com). A análise se valerá de aporte teórico fundamentado nas proposições gerais da análise semiolinguística do discurso, em especial, as referentes ao contrato comunicativo e ao discurso midiático, mantendo, em função da natureza do *corpus*, o diálogo próximo com alguns teóricos da comunicação sobre as potencialidades da produção webjornalística.

2. *O discurso midiático na perspectiva Semiolinguística*

Fundamento do discurso midiático, o ato de informar pode ser empiricamente definido como o ato de transmitir a alguém, através de determinada linguagem, um saber que se presume por ele desconhecido. Portanto, se todo ato comunicativo se estabelece na conjunção de um circuito externo (fazer) e um circuito interno (dizer) que se encontram em relação indissociável a partir dos processos envolvidos na Semiotização do Mundo, a informação, sendo essencialmente uma questão de linguagem, fica inevitavelmente submetida à opacidade desta. Nas palavras de Charaudeau (2006, p. 36), a “informação é pura enunciação” e, assim, encontra-se sempre circunscrita à situação de enunciação, construída pelo olhar que os sujeitos envolvidos na troca lançam sobre o mundo e sobre os acontecimentos, sobre si e sobre o outro.

No que se refere, então, à construção do sentido, o ato de informar tem no processo de transação a circulação de um saber entre os participantes da troca, os quais se encontram em posição assimétrica de conhecimento, sendo um o portador do conhecimento, o informador, e o outro encarregado de receber, compreender e interpretar a informação, passando então à posição de conhecedor. É essa relação de transação que comanda os processos de transformação do “mundo a significar” em “mundo significado” através de categorias linguísticas capazes de descrever (identificação, qualificação), narrar (ação) e comentar (causação e modalização) os fatos.

Essa construção do mundo descrito, narrado, comentado no discurso da informação não deve ser entendida como representação linguística de uma realidade diretamente encontrada no mundo a descrever, contar, comentar. Como todo ato de linguagem, a informação encontra seu fundamento no contato com o outro; ou seja, o informador só constrói a informação a partir dos dados específicos da situação de troca. Advém

daí o equívoco de se pensar na informação como dado puro da realidade, como discurso reprodutor de uma verdade verificável no fato informado.

É, pois, inútil colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a uma fonte de informação. Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. (CHARAUDEAU, 2006, p. 42).

Entendida a partir de seu vínculo com o imaginário social, a questão da verdade se coloca no ato informativo em função dos valores de verdade que (re)produz e dos efeitos de verdade que constrói. Baseados na convicção, os efeitos de verdade são produto da subjetividade do sujeito na sua adesão ao que pode ou não ser julgado verdadeiro segundo as normas sociais de reconhecimento da verdade. Diferentemente, os valores de verdade se pautam na evidência e se realizam através de uma construção explicativa e objetiva elaborada pela “instrumentação científica que se quer exterior ao homem (mesmo que seja ele quem a tenha construído)” (*Ibid.*, p. 49).

Seguindo o raciocínio proposto, o discurso da informação se institui, mais do que pela veracidade dos fatos que pretende reproduzir, pelos diferentes tipos de efeitos de verdade colocados em cena no ato informativo. Quer isto dizer que, para além da busca da verdade, esse tipo de discurso busca a credibilidade, a validade do que é dito.

Assim, o ato de comunicação informativo, mais do que a simples pretensão de descrição da verdade, põe em jogo a circulação de um saber (de conhecimento ou de crença) fundado em valores e efeitos de verdade, todos construídos socialmente e modulados discursivamente em função das razões de transmissão da informação, dos atores envolvidos na situação de troca e dos meios utilizados para tal fim.

Entendendo o ato comunicativo como um quadro de restrições e liberdade, Charaudeau reconhece o contrato comunicativo como o espaço restrito no qual se desdobra a encenação do discurso e cujo desenvolvimento se dá a partir de diferentes estratégias. Isto significa que as expectativas discursivas socialmente compartilhadas garantem um espaço de manobra para a atuação da subjetividade.

No discurso midiático, tais considerações remetem ao fato de que, apesar de circunscrita aos componentes da situação de comunicação, a instância midiática “pode usar de estratégias em função dos desafios de

credibilidade e de captação que escolhe para si” (CHARAUDEAU, 2006, p. 129). Nesse sentido, tanto a seleção do acontecimento a ser noticiado quanto a maneira de construir a notícia são estratégias empregadas pela instância midiática no sentido de atingir suas finalidades e de construir uma imagem particularizada de si. Assim, as diferentes maneiras de se tratar o mesmo acontecimento constituem estratégias de encenação discursiva diversas, que posicionam a instância midiática, que, circunscrita pelo contrato midiático, pode instituir-se a partir desse espaço de manobras constituído em diferentes estratégias de encenação discursiva.

3. *Estratégias enunciativas e posicionamento discursivo*

Como em todo ato comunicativo, a comunicação midiática circunscreve o ato informativo a um contrato que põe em relação instâncias de produção e recepção (atores) da informação, com finalidades comunicativas específicas (visadas), interessadas na divulgação de certos acontecimentos (propósito) e restritas a determinadas circunstâncias (dispositivo). Na máquina midiática e nos engendramentos sociais que a pressupõem, esses componentes se apresentam recobertos por determinadas categorias e se relacionam em função dos efeitos discursivos esperados e efetivamente construídos.

No caso analisado neste artigo, teríamos, desse modo, condições idênticas no impresso e no webjornal, no que tange ao fato de se tratar de um único evento (Incêndio no Hospital Universitário Pedro Ernesto = propósito), noticiado (informar = finalidade) pela mesma empresa (O Globo e seus leitores = atores). A diferença entre eles estaria então no dispositivo, já que um suporte é o papel e o outro é a internet. Entretanto, quando observamos o material de que se constituem, verificamos que a materialidade de ambos se baseia na escrita (letra) e em imagens estáticas (fotografias). Ou seja, mesmo no que diz respeito a dispositivos, em princípio diferenciados, e que poderiam sinalizar para construções discursivas distintas, há a equivalência de ambos. Como se justificam, então, as diferenças mencionadas em nossa introdução?

A consideração de um dispositivo comunicativo deve levar em conta o material e o suporte que o transporta. Em nosso caso, apesar de os textos analisados se servirem do mesmo material, o suporte em que são disponibilizados apresentam características distintas que, potencialmente, podem interferir (e, como veremos, interferem) no resultado textual e discursivo. Comparando-os teríamos como características:

IMPRESSO	WEB
Linearidade	Hipertextualidade
Intervalo produção-divulgação	Instantaneidade
Espaço restrito	Memória
Monologicidade	Interatividade
Modalidade estática	Multimodalidade
Uniformização	Personalização

Nas notícias analisadas, o acontecimento foi discursivamente construído através do relato, predominando, assim, em ambas as mídias os modos de organização narrativo e descritivo.

A opção dos jornais e webjornais de noticiar os acontecimentos selecionados, relevando sua factualidade a partir de uma estrutura de relato, posiciona as instâncias enunciadoras de maneira equivalente, na busca pela objetividade dos fatos. Afinal, ao organizarem os acontecimentos de modo narrativo/descritivo, pretensamente, limitam-se a relatar os fatos e fatos ocorridos, investindo-se, assim, do papel de transmissoras imparciais dos acontecimentos.

Tal equivalência, entretanto, parece restringir-se apenas ao que se pode chamar nível macroestrutural das notícias, pois quando atentamos aos elementos constituidores das narrativas, notamos um comportamento diverso entre as duas mídias, ora justificado pela distinção material dos dispositivos, ora por objetivos informativos diferenciados, ora pelas implicações entre eles.

Seguindo a constituição tradicional do texto jornalístico, as notícias são introduzidas por títulos e subtítulos cuja função é anunciar o acontecimento, tratado em seus parágrafos no corpo do texto. Já aí é possível identificar algumas diferenças entre a construção discursiva da mídia impressa e da web, no sentido de posicioná-las diante dos acontecimentos noticiados.

Na observação dos procedimentos de titulação das matérias nos dois dispositivos, a verificação mais imediata refere-se à ausência de subtítulos nos textos webjornalísticos. Tratando-se de um complemento informativo ao anúncio do título, o subtítulo tem a função de proporcionar uma espécie de “leitura dinâmica” dos textos sequencialmente organizados na mídia impressa. O leitor, diante de notícias organizadas em cadernos subsequentes, pode então tomar conhecimento dos principais acontecimentos do espaço público, detendo-se apenas nos que lhe interessam. Na arquitetura hipertextual da web, esse tipo de procedimento não se justifica já que, a partir das chamadas de capa ou das seções de interesse i-

gualitariamente distribuídas nessa primeira camada de leitura, o acesso às informações se faz mediante o aprofundamento determinado pelo leitor. Em outras palavras, se os subtítulos atuam como o previsto, sua funcionalidade para uma notícia já selecionada pelo leitor deixa de existir visto que sua chegada àquele nível de leitura pressupõe o interesse pela íntegra do texto.

Definida em função da distinção entre os suportes, a oposição presença/ausência de subtítulos materializa o diferenciado papel desempenhado pelo Tu-interpretante do webjornal. Nesse dispositivo, sua atuação se estende para além do consumo de informações previamente organizadas, já que pode acessá-las na ordem que melhor lhe aprouver e segundo suas demandas particulares.

Já no que diz respeito aos títulos, as diferenças, obviamente não pautadas na ausência, parecem sinalizar igualmente a funções distintas das produções textuais de cada mídia. Comparem-se alguns dos títulos das notícias veiculadas em *oglobo.com* com os da chamada de capa e da matéria publicadas no impresso *O Globo*:

WEB	IMPRESSO
Incêndio no Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel, complica o trânsito na Zona Norte da cidade	Hospital sem vistoria há 12 anos (capa)
Bombeiros controlam incêndio no Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel	
Incêndio foi no prédio anexo do Pedro Ernesto	Sem brigada nem vistoria (página 14)
Secretaria de Saúde põe hospital de campanha à disposição do Hospital Pedro Ernesto	

A instantaneidade e a memória da web possibilitam ao webjornal o acompanhamento e a divulgação do acontecimento quase em tempo real: a confecção do produto notícia é apenas o da produção do texto e a capacidade de armazenamento é ilimitada, possibilitando a atualização contínua do evento e seus desdobramentos. Tal fato tem como consequências linguísticas a presença de verbos no presente do indicativo, que criam discursivamente a simultaneidade entre o tempo do acontecimento e da notícia, bem como a construção de uma estrutura temática restrita ao acontecimento.

Lembremos que, segundo a gramática sistêmico-funcional, dentre as várias estruturas que, simultaneamente, compõem uma oração, a estrutura temática é aquela que dá à oração o seu caráter de *mensagem*. Sem pretender atender às especificidades teórico-metodológicas que envolvem a questão, podemos dizer simplificadaamente que tal estrutura divide

a oração em duas partes: o *Tema*, que corresponde à parte inicial da oração, cuja função é fazer a ligação entre ela e as estruturas anteriores ou ainda estabelecer um contexto para a compreensão do que vem a seguir; e o *Rema*, composto pelo restante da oração, parte na qual desenvolvemos as ideias que estão sendo veiculadas pelo *Tema*. Isso significa que, na maioria das vezes, o *Tema* expressa a informação recuperável pelo interlocutor textual ou contextualmente, enquanto o *Rema* corresponde ao conteúdo que efetivamente queremos que ele passe a conhecer¹¹⁵.

A partir dessa breve digressão teórica, consideremos a estrutura temática dos seguintes títulos de *oglobo.com*, na cobertura de nosso evento de referência:

[*Incêndio no Hospital Pedro Ernesto*, em Vila Isabel]_{TEMA}. [complica o trânsito na Zona Norte da cidade]_{REMA}

[*Bombeiros*]_{TEMA} [controlam *incêndio no Hospital Pedro Ernesto*, em Vila Isabel]_{REMA}

[*Incêndio*]_{TEMA} [foi no prédio anexo do *Pedro Ernesto*]_{REMA}

[*Secretaria de Saúde*]_{TEMA} [põe hospital de campanha à disposição do *Hospital Pedro Ernesto*]_{REMA}

Se considerarmos “incêndio no Hospital Pedro Ernesto” como estrutura básica do acontecimento em questão, a grade temática estabelecida pelos títulos das notícias no webjornal se mantém restrita a ela, atualizando-a, total ou parcialmente, na posição de tema ou rema¹¹⁶, de acordo com ordem de publicação da notícia, de suas relações de *hiperlink* e, portanto, de seu *status* informativo como dado ou novo na cobertura do acontecimento.

De maneira diferente, as limitações temporais e espaciais da publicação impressa são inscritas nos títulos pela remissão que fazem não ao acontecimento base, mas às suas justificativas. Ora, em um relato jornalístico, isso só pode ocorrer se a instância enunciativa supõe o conhecimento prévio do leitor. Apenas assim uma chamada de capa como “Hospital sem vistoria há 12 anos” pode fazer sentido. Que hospital?

¹¹⁵ Não pretendemos afirmar a equivalência entre Tema-Rema e Dado-Novo, mas sim de reconhecer que, apesar de corresponderem a níveis de análise diferentes, acabam por coincidir em muitos casos.

¹¹⁶ Os títulos apresentados encontram-se demarcados em tema/rema pelos colchetes, sendo as estruturas sublinhadas apenas as que se referem ao que denominamos estrutura básica do acontecimento.



Cloud tag gerada com notícia de O Globo, 05/08/2012.

A comparação das *cloud tags* parece confirmar as relações de restrição e extensão do acontecimento procedido, respectivamente, pelo webjornal e pelo impresso. Isto porque, se no primeiro, as ocorrências lexicais que constroem o acontecimento se distribuem, em sentido decrescente de importância, de modo a recobrir um campo semântico ligado ao acontecimento em si (“hospital”, “incêndio”, “Pedro Ernesto”, “bomberos”, “segundo” – introdutor de discurso relatado) ou a suas consequências mais imediatas (“rua”, “trânsito” etc.); o segundo acrescenta a essas ocorrências (não necessariamente utilizadas em volume equivalente), vocábulos como “pacientes”, “morreu”, “fumaça”, “vistoria” e “brigada”, que estendem os limites do acontecimento base a suas consequências, desdobramentos e justificativa.

Do mesmo modo, a Estrutura Temática das orações e períodos que compõem os textos se distribui em um fluxo informativo diferenciado. Observem-se as estruturas no quadro abaixo, retiradas no primeiro parágrafo de algumas das notícias:

Nas estruturas temáticas projetadas em *oglobo.com*, notamos que o Rema concentra referências aos elementos constituidores do que inicialmente denominamos acontecimento de base, tanto através de vocábulos (“incêndio”. “Hospital Estadual Pedro Ernesto” etc.) quanto de relações semânticas diretas (“prédio”, “almojarifado”, “setores de cardiologia” etc.). Isto significa que, assim como sinalizaram os títulos, o fluxo infor-

nacional das notícias se desenvolve a partir dos limites do acontecimento de maneira mais estrita, compondo, seus elementos, a parte dedicada à “informação nova”.

TEMA	REMA
<i>oglobo.com</i>	
Foi controlado, por volta das 8h30m desta quarta-feira	o incêndio que atingiu o Hospital Estadual Pedro Ernesto, em Vila Isabel.
O incêndio no Hospital Pedro Ernesto	começou no almoxarifado que funciona no anexo do hospital.
O fogo	não atingiu diretamente o prédio principal,
mas a fumaça	invadiu principalmente o segundo andar, onde funciona os setores de cardiologia e de neurologia.
Um equívoco	provocou confusão após o incêndio que destruiu o prédio do almoxarifado do Hospital Universitário Pedro Ernesto, em Vila Isabel.
<i>O Globo</i>	
O Hospital Universitário Pedro Ernesto, em Vila Isabel, atingido ontem por um incêndio durante o qual morreu uma paciente terminal de 65 anos,	não conta com brigada contra incêndio
	e foi vistoriado pela última vez pelos bombeiros há 12 anos, como notícia ontem o site do GLOBO em primeira mão.
O almoxarifado destruído pelo fogo	foi inaugurado há um ano
e, por isso, [o almoxarifado]	deveria ter sido inspecionado.

Com a publicação impressa, ocorre justamente o inverso. Nela, os sujeitos e eventos que compõem o acontecimento base (e o *Rema* das notícias no webjornal) se estruturam como *Tema*, sendo, portanto, concebidos como “informação dada”, enquanto o *Rema* é ocupado por elementos que extrapolam os limites do evento, apontando suas causas e/ou justificativas (“não conta com brigada de incêndio”, “deveria ter sido vistoriado” etc.).

As diferentes funções informativas das quais webjornais e impressos têm se ocupado podem ser vistas também no modo como discursivamente utilizam os ditos relatos (DR).

No fragmento referente à publicação de *oglobo.com*, é através do DR que se apresenta a notícia (título) e se constrói a primeira parte do *lead*. O próprio fato se constrói na voz de “um outro”, socialmente autorizado, cujo pronunciamento é relatado no sentido da dar credibilidade à informação. De outro modo, o DR sublinhado no fragmento da notícia

imprensa parece contribuir não exatamente para tornar o fato crível, mas para fortalecer/construir um encaminhamento “lógico”, que leve a conclusões avaliativas do tipo: “o incêndio seria evitado se houvesse o cumprimento da lei”; “a culpa é do descaso das autoridades” etc.

Vejamos:

WEB	IMPRESSO
<p>Hospital Pedro Ernesto não tem brigada de incêndio, afirmam bombeiros</p> <p><i>De acordo com o Corpo de Bombeiros, o Hospital Universitário Pedro Ernesto não possui brigada de incêndio e o último laudo emitido pela corporação para a unidade é do ano de 2000. O almoxarifado do hospital pegou fogo na manhã desta quarta-feira e uma mulher que estava internada na unidade morreu.</i></p>	<p>Hospital sem vistoria há 12 anos <i>Incendiado, Pedro Ernesto fica a 600m de quartel de bombeiros, que não apareciam desde 2000</i></p> <p>O Hospital estadual Pedro Ernesto, onde uma paciente terminal morreu durante um incêndio no almoxarifado que levou 4 horas para ser controlado, não tem brigada de incêndio (obrigatória) e não passava por vistoria do Corpo de Bombeiros desde 2000, data do último laudo apresentado. <i>Segundo o Corpo de Bombeiros, a vistoria é obrigatória a cada mudança de projeto. O almoxarifado tinha apenas um ano.</i></p>

Como podemos ver, nos níveis linguísticos, textuais e discursivos, as publicações do webjornal e do impresso têm demonstrado que essas instâncias midiáticas – ainda que pertencentes a um mesmo grupo de comunicação – assumem posições enunciativas distintas frente ao mesmo acontecimento: o webjornal limitando-se à cobertura do “fato”; o impresso dedicando-se à função mais analítica. Decorrentes das características dos dispositivos em que circulam, essas diferenças proporcionam a não concorrência de meios cuja convivência tem se instituído na ocupação de espaços sociais, informativos e discursivos distintos.

4. Conclusão

Através da comparação de notícias publicadas pela empresa de comunicação Globo, em seu jornal impresso (*O Globo*) e webjornal (*oglobo.com*) sobre o incêndio ocorrido em 04 de agosto de 2012 no Hospital Pedro Ernesto, pretendemos demonstrar as diferenças discursivas que têm se desenhado no discurso midiático atual e que, de outras e mais profundas maneiras, já haviam sido observadas em nossa tese de doutorado.

Além da evidência de que tais diferenças mantêm estrita relação com a diversidade do suporte no qual se constituem – sua possível causa

–, procuramos apresentar dados linguísticos que fundamentassem a identificação de seus diferentes posicionamentos enunciativos – sua consequência. E assim, pudemos verificar que, os textos analisados se equivalem às práticas mais comuns atualmente, em que o discurso webjornalístico se constitui como instância enunciativa que, através da construção discursivamente objetiva do acontecimento de referência, reconhece e ao mesmo tempo proporciona a autonomia de seu interlocutor, gerando daí uma relação de parceria e credibilidade, enquanto o impresso reelabora sua disparidade técnica na construção de discursos enunciativamente mais marcados frente aos fatos noticiados, orientando seu leitor a determinado ponto de vista e, portanto, excedendo seu papel informativo na formação de opinião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAVILHAS, J. *Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web*. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acesso em: 22-04-2009.

CHARAUDEAU, P. Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, n. 117, Paris, 1995.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DOMINGUEZ, M. G. A. *Estratégias discursivas do webjornalismo: indícios de um novo contrato?* Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2011.

FIDALGO, A. Sintaxe e semântica das notícias online: para um jornalismo assente em base de dados. In: LEMOS, A. et ali. *Mídia.br. Livro da XII Compós – 2003*. Porto Alegre: Sulina, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>. Acesso em: 26-04-2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciacion de subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial, 1997.

MIELNIKZUC, L. J. Características e implicações do jornalismo na WEB. *II Congresso da SOPCOM*, Lisboa, 2001. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 22-02-2010.

PALÁCIOS, M. *Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate*. 2006. Disponível em:
http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf. Acesso em: 16-03-2010.

PALÁCIOS, M.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. *XXV Intercom*. Salvador, 2002. Disponível em:
http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_Mapeamentojol.pdf. Acesso em: 22-05-2009.